

SEVEN SINNERS / 1940

(*Sete Pecadores*)

Um filme de Tay Garnett

Realização: Tay Garnett / **Argumento:** John Meehan e Harry Tugent, segundo uma história de Ladislaus Fodor e Laszlo Vadnay / **Fotografia:** Rudolph Maté / **Direcção Artística:** Jack Otterson / **Som:** Bernard B. Brown / **Música:** Frank Skinner, dirigida por Charles Previn / **Canções:** "I Have Fallen Overboard", "I've Been in Love Before", "The Man's in the Navy", de Frank Loesser e Frederick Hollander / **Montagem:** Ted Kent / **Interpretação:** Marlene Dietrich (Bijou), John Wayne (Tenente Bruce Witney), Broderick Crawford (Little Ned), Misch Auer (Sasha), Albert Dekker (Dr. Martin), Oscar Homolka (Antro), Billy Gilbert (Tony), Samuel S. Hinds (Governador Henderson), Anna Lee (Dorothy Henderson), Reginald Denny (Capitão Church), Vince Barnett (o barman), Antonio Moreno (Rubio), Herbert Rawlinson, Russell Hicks, William Davidson, Richard Carle, Willie Fung, James Craig, William Bakewell.

Produção: Joe Pasternak para a Universal / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 16mm, preto e branco, com legendas electrónicas em português, 86 minutos / **Estreia Mundial:** 28 de Outubro de 1940 / **Estreia em Portugal:** Odeon e Palácio, a 11 de Março de 1942.

Nova versão filmada em 1950 por Bruce Humberstone: **South Sea Sinner (A Pecadora dos Mares do Sul)**, interpretada por Shelley Winters.

Seven Sinners é apresentado em "double bill" com **Seven Footprints to Satan**, de Benjamin Christensen ("folha" distribuída em separado).

A projecção decorre com um intervalo de 20 minutos entre os dois filmes.

Quando **Seven Sinners** foi realizado havia já quase duas décadas que os paraísos tropicais tinham sido descobertos, para o cinema, por Flaherty (**Moana**), Murnau (**Tabu**) e que se tornaram sonho impossível e cobiçado por milhões de espectadores depois do sucesso comercial que constitui **White Shadows of the South Seas**, de W. S. Van Dyke.

Vieram depois filmes como **The Pagan**, também de Van Dyke, **Bird of Paradise**, de King Vidor, enquanto outros filmes descobriram estranhos perigos pelas mesmas regiões (**The Island of Lost Souls**, **King Kong**). Os mares do Sul conheceriam nova vaga de popularidade desde que lá se descobriu a "rapariga do sarong", Dorothy Lamour, quebrando tabus e provocando cataclismos pelo seu amor por Ray Milland em dois filmes, **The Jungle Princess** e **Her Jungle Love**. Andaria depois pelo **Hurricane** de Ford e desembocava em Singapura na companhia de Bob Hope e Bing Crosby quando Marlene tinha a sua paixão por John Wayne na ilha de Boni Komba no café dos **Seven Sinners**.

Seven Sinners traz a assinatura de Tay Garnett, um daqueles realizadores de quem se convencionou dizer que eram bons artesãos, com um ligeiro toque de distanciação (como se se encontrassem bons artesãos assim do pé para a mão). Assim sendo, vivam os bons artesãos que têm esta qualidade ausente de outros mais ambiciosos: sabem contar uma história, torná-la excitante e temperá-la com acção e romantismo. A **Seven Sinners** não falta nenhum destes condimentos. Uma das qualidades que, de qualquer forma, se reconhecem a Tay Garnett, foi a sua habilidade para orquestrar seqüências de acção. As zaragatas colectivas dos seus filmes tornaram-se famosas desde o início da sua carreira em **Her Man!** até às de **Seven Sinners** e **Wild Harvest**. A sua habilidade neste campo, com recurso ao acelerado e uma montagem rápida é, naturalmente, fruto da sua formação. Garnett vem directamente da farsa sennettiana, onde foi *gagman*, e onde o ritmo e a violência eram o quotidiano. Foi também *stuntman* o que lhe deu a conhecer todos os mecanismos do filme de acção. Tornada quase uma espécie de emblema a zaragata adquire proporções homéricas, e Garnett usa com profusão do humor e, conhecendo os

métodos de sedução do espectador abre o filme com uma espécie de antecipação do que vai ser o seu momento mais famoso: a primeira zaragata, que acompanha o genérico e que leva a mais uma das expulsões de Bijou, das várias ilhas dos mares do Sul. A sequência prepara a outra e dá de imediato o tom.

O cinéfilo não deixará de sentir em toda esta comédia melodramática de aventuras, um certo espírito fordiano. Para isso contribui, naturalmente, a presença de John Wayne, que no ano anterior alcançara o estatuto de vedeta com a interpretação de **Stagecoach**, e que pouco antes de **Seven Sinners** andaria pelos mares pela primeira vez às ordens de Ford em **The Long Voyage Home**. Mas não é apenas a presença de Wayne (e de uma secundária bem conhecida dos filmes de Ford: Anna Lee) que materializa esse espírito. É antes a própria atmosfera, a forma como a acção se liga com a comédia e como, pelo meio se insinuam as sequências dramáticas. Segredo comum a todos os pioneiros, certamente, mas em **Seven Sinners** parece-nos estar a ver um esboço de duas obras-primas fordianas: **The Wings of Eagles** (Wayne como oficial de Marinha, a zaragata, etc.) e **Donovan's Reef** que é, sem dúvida, o que lhe está mais próximo, Wayne em plena ascensão e Marlene ainda com uma enorme carga mítica, apesar de se encontrar no período final da sua carreira (nunca houve outro Sternberg para Marlene), era uma aposta segura que a Universal repetiu por mais duas vezes dois anos depois, com **The Spoilers** (a quarta versão duma popularíssima novela de Rex Beach) em que surgia um rival para Wayne, Randolph Scott. O terceiro filme, de novo com os três actores era de Lewis Seiler e chamava-se **Pittsburgh (Sangue Negro)**. O seu fracasso comercial impediu, talvez, que o trio voltasse a reunir-se, numa espécie de versão romântica e aventureira de outro trio famoso que lhe era contemporâneo: Hope–Crosby–Lamour.

Mas é evidente que **Seven Sinners** tem como motor, e como justificação primordial, a presença de Marlene Dietrich na que é uma das suas mais perfeitas aparições no cinema retomando os arquétipos criados por Sternberg. Aliás, Garnett afirmava que **Seven Sinners** era "*uma piada nas costas de Sternberg*", e dizia de Marlene que ela possuía um sentido inegável da espontaneidade e do natural, no meio da sua sofisticação. Ela preparava tudo detalhadamente, mesmo as iluminações, o que lhe vinha de Von Sternberg. De facto, para além de Ford, é Sternberg o cineasta mais convocado para esta aventura de Marlene nos mares do Sul, e Garnett pôde contar com a colaboração de um dos maiores operadores de sempre, Rudolph Maté (**La Passion de Jeanne D'Arc** e **Vampyr**, de Dreyer, **Liliom** de Lang, **To Be or Not To Be** de Lubitsch). Maté aproxima a sua câmara de Marlene, e revela-a duma forma que nos remete imediatamente para filmes como **Morocco** (a fabulosa encenação da canção "The Man's in the Navy", com Marlene travestida de oficial da Marinha, onde o branco da farda parece a luz que no centro do café endoidece os homens como borboletas) e a **Blonde Venus**. E tanto Marlene como Maté tiram partido dos interiores onde cenários de rendas e tabiques, leques e gelosias, filtram a luz, rodeando o anjo azul duma aura eminentemente sensual. Os figurinos de Marlene, e tudo o que a rodeia (o quimono que veste, as rendas que a cobrem no riquexó, a iluminação com as janelas como foco de luz), está tudo estudado em função da personagem e do mito de Marlene. Talvez seja este o mais sternberguiano dos seus filmes feitos sem Sternberg.

Mas há ainda outro sinal: a personagem de Bijou e o seu sacrifício final. Não tem, certamente a dimensão sublime do final de **Morocco**, mas reproduz o arquétipo da mulher fatal marleniana criada por Sternberg: um ser dual onde se confunde a leviandade e a abnegação (**Morocco**, **Blonde Venus**) e que continuará a representar a actriz na carreira posterior. Além de **Seven Sinners** lembremos as suas criações em **The Garden of Allah**, cuja renúncia final tem muito em comum com a do filme de hoje (em ambos se sacrifica à vocação do seu amado: a religião num, a marinha, noutro), **Destry Rides Again** de George Marshall e mesmo **A Foreign Affair** de Wilder. Em **Seven Sinners**, Bijou depois da euforia de pedido de casamento, compreende a impossibilidade de um *happy end* para si e afasta-se num daqueles planos soberbos em que a tristeza contida do seu rosto faz comover pedras. Cortando magistralmente com o melodrama, Garnett introduz então a famosa *bagarre* que começa com o desafio Wayne–Homolka (um vilão retinto e traçoeiro numa portentosa criação daquele actor austríaco) e se generaliza a todo o bar, transformando-o num verdadeiro palco de *gags*, onde participam secundários como Mischa Auer (prestidigitador e carteirista) e Vince Barnett (lembra-se dele no **Scarface**?) num divertidíssimo barman vira-casacas.

Haveria muito a dizer ainda sobre este delicioso filme de aventuras, mas o espaço escasseia. Deixo-vos com o prazer da (re)descoberta. Benvindos ao café dos **Seven Sinners**.